

O PORTADOR DE ESTOMIA E SUA AUTOIMAGEM

DA SILVA, Jéssica Gama
COSTA, Aline Rodrigues
ZUGNO, Rochele Maria
MOTA, Marina Soares
GOMES, Giovana Calcagno (orientadora)
jehgama92@gmail.com

Palavras-chave: Enfermagem; Estomia; Socialização.

INTRODUÇÃO: Os problemas com a imagem corporal podem agravar-se a partir do momento que se necessita realizar uma cirurgia mutilante do corpo, como no caso de uma estomização. Trata-se de uma cirurgia de construção de um estoma no abdômen em que uma parte do intestino ou do aparelho urinário é removida e o paciente necessita utilizar, temporária ou permanentemente, uma bolsa coletora de fezes e/ou urina aderida ao abdômen, modificando sua anatomia. O portador de estomia além de lidar com a dor e as manifestações da doença, precisa conviver com um corpo disforme ou com uma nova conformação, podendo apresentar grande sofrimento e estranheza. O estoma poderá trazer severas repercussões à imagem corporal estomizada gerando sentimentos que repercutem negativamente no seu viver (SANTANA et al, 2010). Assim, objetivou-se conhecer a (con)vivência de portadores de estomias com a sua nova imagem corporal após a cirurgia de estomização. Espera-se que o conhecimento gerado nesta pesquisa subsidie o dia-a-dia da enfermeira que atende portadores de estomia, possibilitando que outros portadores possam passar pelo processo de adaptação a nova imagem corporal de forma menos traumática. **REFERENCIAL TEÓRICO:** O portador de estomia passa por transformações corporais que afetam sua autoimagem, autoestima, suas relações sociais, seu modo de se vestir, de se alimentar, sua sexualidade e seu trabalho (SANTANA et al, 2010). Sendo que, com o surgimento das modificações no corpo a mente precisa absorver esse impacto e, para tanto, é necessário criar um espaço mental para resolver a nova experiência física e real (SOUZA, GOMES, BARROS, 2009). Assim, necessita não apenas de um momento de reflexão sobre seu corpo e sua nova imagem, mas precisa também de apoio tanto da família como de profissionais para enfrentar este período que poderá ser provisório ou definitivo. A partir do diagnóstico da doença e da confecção de um estoma há uma necessidade que o portador de estomia seja apoiado, recebendo aconselhamento e de uma assistência especializada (GRANT et al, 2011). **METODOLOGIA:** Pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. Participaram do estudo oito portadores de estomias cadastrados no Serviço de Estomaterapia (SE) de um Hospital Universitário do sul do país. A coleta de dados deu-se através de entrevistas semiestruturadas gravadas. Os dados foram analisados pela técnica de Análise Temática, transcritos, organizados por semelhanças e diferenças em categorias e comparados com o referencial teórico. Os aspectos éticos foram respeitados. Garantiu-se o anonimato dos participantes e suas falas foram identificadas com a letra P seguida do número da entrevista. **RESULTADOS e DISCUSSÃO:** Participaram das entrevistas oito pacientes estomizados com idades entre 42 e 77

anos, sendo quatro homens e quatro mulheres. Todos possuíam mais de um ano de estomização e eram portadores de estomias definitivas. A análise temática dos dados gerou a categoria: **O impacto da modificação corporal na autoimagem do portador de estomia.** Muitos portadores de estomias insatisfeitos com sua nova imagem corporal, não olham para seu corpo para evitar a visão do corpo portador de um estoma evitando até mesmo o reflexo de sua imagem no espelho. A visualização do estoma e da bolsa coletora em seu corpo pode ser tão devastadora para seu portador que afeta e/ou impede a realização do autocuidado aumentando o nível de dependência destes. Olhar a bolsa e o estoma faz com que tenham que adquirir consciência de ser um portador de estomia e revivam todo o sofrimento vivenciado até este momento, tendendo, desta forma, a suprimir a imagem do corpo transformado na tentativa de uma nova projeção para a sociedade de uma imagem mais próxima a anterior a cirurgia, dita normal. A transformação do corpo e da autoimagem pode resultar na modificação do convívio social. Constata-se a existência de uma preocupação por parte do portador de estomia em manter a mesma secreta, longe do conhecimento da sociedade pelo medo da exclusão visto seu corpo e imagem não serem os mesmos. Algumas percebem o afastamento de pessoas vistas como próximas no período pós-cirurgia, enquanto alguns portadores se autoexcluem por se sentirem estigmatizadas nas relações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Nos primeiros dias de pós-operatório os pacientes não conseguem nem olhar para o estoma reagindo de diversas maneiras, necessitam de um tempo para se acostumar com o fato de ser um estomizado. A doença implica na deterioração do corpo necessitando de um acompanhamento, de um suporte profissional e social. A imagem corporal afeta diretamente o “eu” do indivíduo sofrendo uma despersonalização mudando drasticamente sua sequência de vida diária, construindo significados ao longo de suas experiências. Ao longo de sua vida, o indivíduo constrói uma imagem do próprio corpo, que se ajusta aos costumes, ao ambiente em que vive e quando se submete a cirurgia ele não perde apenas uma parte do corpo, mas altera todo o seu cotidiano, perdendo, inclusive, sua identidade social, encontrando dificuldades em aceitar a saída constante de excreções se afastando do convívio social. A própria sociedade impõe que para sermos aceitos nela é necessário um corpo perfeito, cultura essa para o portador de estomia faz emergir sentimentos de exclusão, tristeza, e principalmente insegurança. O profissional enfermeiro através de seu conhecimento científico, tem a competência para promover o cuidado integral, contribuindo assim, na reabilitação da pessoa estomizada em relação a sua nova condição de saúde, reinserção na sociedade, bem como no desenvolvimento do ensino aprendizagem para o autocuidado. Assim como, estabelece estratégias continuadas para que suas necessidades sejam sanadas, bem como de seus familiares, focando a reabilitação quanto a promoção de saúde e qualidade de vida, dando-lhe suporte emocional para otimização do processo adaptativo.

REFERÊNCIAS:

GRANT, M.; et al. *Gender differences in quality of life among long-term colorectal cancer survivors with ostomies.*; v.38,n.5, p.587-96, Sep, 2011.

SANTANA, J.; et al. O significado de ser colostomizado e participar de um programa de atendimento ao ostomizado. *Cogitare Enfermagem*, América do Norte, 15, dez.



2010. Disponível em:

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/20358/13519>. Acesso em: 08 Ago. 2015.

SOUZA, P. C. M.; et al. As repercussões de viver com uma colostomia temporária nos corpos: individual, social e político. *Rev Eletr Enf* [Internet]. 2011; 13(1):50-9.